



**O QUE O ESPÍRITO SANTO DIZ À
IGREJA PARTICULAR DE BARRETOS**

Dom Milton Kenan Júnior

O QUE O ESPÍRITO SANTO DIZ À IGREJA PARTICULAR DE BARRETOS

À primeira vista o título desta carta pode parecer pretensão minha: descobrir ou querer transmitir o que o Espírito Santo está dizendo à Igreja, em nossos dias. Na verdade, porém, este título é provocativo; desejo que seja acolhido como um desafio que nos faça perguntar, cada um a si mesmo: o que o Espírito de Deus está dizendo a nós, membros da Igreja Particular de Barretos, que se prepara para celebrar os seus cinquenta anos de existência...

Esta foi a questão que levou o autor do Apocalipse a escrever às comunidades perseguidas no final do século I; elas tinham que conviver com a rejeição dos judaizantes e com a perseguição do Império Romano. Referindo-se às sete Igrejas da Ásia Menor, o autor do Apocalipse repete este refrão: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas” (cf. Ap 2,7.11.29;3,6.13.22).

Hoje talvez tenhamos nos desabituatedo a escutar o Espírito. Envolvidos pela agitação, pelo excesso de compromissos, pelas muitas atividades que nos impomos em razão de nossas responsabilidades e funções, desse modo acabamos por deixar de ouvir os sussurros do Espírito, que querem nos despertar do sono e vencer o tédio, que nos induzem a um ativismo desenfreado, ou então, a uma acomodação tranquila, que nos fazem perder de vista a nossa missão.

Ao iniciar nosso caminho para a celebração dos 50 anos da criação de nossa Diocese de Barretos, pelo Papa São Paulo VI, com a Bula *Adsiduum Studium*, em 14 de abril de 1973; se faz necessário partir da definição que o Concílio Vaticano II dá à Diocese: “Diocese é a porção do povo de Deus confiada a um Bispo para que a pastoreie com a cooperação do Presbitério, de modo que, unida ao seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e opera a Única, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo” (cf. *Christus Dominus*, 11 e CDC cân. 369).

Como se vê, a definição que o Concílio dá à Diocese nos leva a compreender que nela está presente a Igreja toda, em um lugar

concreto, determinado, tendo como missão dilatar o Reino de Deus na história, no tempo e no espaço onde está presente, sem perder de vista que ela integra um corpo maior que é o Corpo de Cristo, presente e visível na Igreja universal.

Neste conceito de Diocese nota-se claramente o papel do Espírito Santo, sendo aquele que congrega, reúne, distribui ministérios, suscita novos carismas, dá impulso à evangelização, coragem e alegria aos evangelizadores. Daí a necessidade de ouvi-lo, perceber seus apelos, deixar-se conduzir por Ele. O Espírito Santo é a alma da Igreja (*Lumen Gentium* 7), coloca-a em movimento e a faz avançar no cumprimento da sua missão, sendo esta o anúncio e testemunho do Evangelho.

Na sua Exortação Apostólica “A alegria do Evangelho”, o Papa Francisco escreve: “Para manter vivo o ardor missionário, é necessária uma decidida confiança no Espírito Santo, porque Ele ‘vem em auxílio da nossa fraqueza’ (Rm 8,26). Mas esta confiança generosa tem de ser alimentada e, para isso, precisamos invocá-lo constantemente. Ele pode curar-nos de tudo o que nos faz esmorecer no compromisso missionário. É verdade que esta confiança no invisível pode causar-nos alguma vertigem: é como mergulhar num mar onde não sabemos o que vamos encontrar. Eu mesmo o experimentei tantas vezes. Mas não há maior liberdade do que se deixar ser conduzido pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulse para onde Ele quer. O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento. A isto se chama ser misteriosamente fecundos!” (n. 280).

Em nossa preparação para o Jubileu Áureo de nossa Diocese, será importante sermos dóceis ao Espírito Santo, para que Ele possa imprimir em nós a fisionomia da Igreja querida por Ele e, ao mesmo tempo, à altura do tempo que vivemos, capazes de responder as expectativas dos nossos fiéis e, não só deles, mas de todas as pessoas de boa vontade.

Por isso, à semelhança dos sete dons do Espírito Santo, sugiro sete aspectos da vida da Igreja que devemos acolher como apelo e, ao mesmo tempo, convites que o Espírito Santo nos está a fazer:

1. Sede uma Igreja nas casas;
2. Sede uma Igreja que caminha unida;
3. Sede uma Igreja a serviço;
4. Sede uma Igreja jovem;
5. Sede uma Igreja eucarística;
6. Sede uma Igreja missionária;
7. Sede uma Igreja solidária.

1. Sede uma Igreja nas casas

Para compreender o que o Espírito diz às Igrejas, precisamos assumir com coragem as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023); cujo destaque é dado à Igreja nas casas.

O que as Diretrizes propõem é o caminho inverso do que fazemos, ou estamos acostumados a fazer. Trata-se de um retorno às origens, ao período em que os cristãos eram a minoria num mundo marcado pelas disputas, privilégios, idolatria, cultos mágicos e enganosos, desigualdade social, egoísmo desenfreado que caracterizavam o Império Romano e que foram causa da sua decadência.

Num período semelhante ao que nasceu e germinou a Igreja primitiva, somos chamados a recuperar a “casa” como lugar do encontro, da partilha da fé e convivência solidária, que tem garantida “um senso de pertença à família de Deus (Mc 3,31-35) e já não importava mais ser grego ou judeu, escravo ou livre, mas somente ser em Cristo” (Cl 3,11; Gl 3,28).

Não é uma tarefa fácil, num tempo em que convivemos com o domínio das mídias sociais, com o individualismo exacerbado, com a proposta de religiões com discursos baseados na prosperidade e na solução mágica do sofrimento e das intempéries da vida.

As Diretrizes nos dizem da importância dos quatro pilares, que devem sustentar a vida das pequenas comunidades, que tem nas casas o seu espaço de encontro e de partilha (Cf. DGAE 82-120). São eles que dão sustentação à vida das pessoas e alimentarão nelas a ligação entre fé e vida. Todos eles são importantes e exigem de nós criatividade para que possamos corresponder ao que o Espírito nos está dizendo.

Todos nós vivemos sob o impacto da pandemia que atingiu o mundo todo, e dramaticamente o nosso país, neste ano. Ela nos obrigou ao isolamento social, encontrar novas formas para transmitir a fé aos nossos fiéis, cancelar nossas agendas, adiar nossas atividades previamente programadas; ela nos impôs um fardo pesado, cujas consequências ainda não podemos avaliar.

Se por um lado, contudo, a realidade que a pandemia gerou nos amedronta, por outro nos dá esperança, pois é surpreendente ver o número de famílias que recuperaram o sentido de Igreja doméstica, que se reúnem para acompanharem as celebrações por meio das redes sociais, ou então, para os encontros de catequese e para celebrar familiarmente a Palavra de Deus da liturgia dominical da semana.

Muitas vezes a Igreja é arrastada pelo Santo Espírito! Com a perseguição que surgiu contra a Igreja que estava em Jerusalém, “todos, com exceção dos apóstolos, se dispersaram pelas regiões da Judeia e da Samaria” (cf. At 8,1); e daí para Antioquia, para Corinto, para Atenas, enfim, chegaram a Roma. A perseguição fez com que a Igreja não se tornasse uma “seita” judaica, mas ultrapassasse os limites geográficos e se dirigisse a todos os povos conhecidos da época.

E a pandemia o que nos faz compreender? Evidentemente coloca às nossas vistas nossa fragilidade, a necessidade de um novo olhar para o nosso planeta e para os recursos que sustentam a humanidade; a urgência de uma atenção às populações mais pobres, que em certos lugares do mundo se constituem povos inteiros excluídos, espezinhados na sua dignidade. Faz-nos compreender que o anúncio do Evangelho deve assumir novas formas, se quisermos que ele sobreviva e avance nos novos tempos; não são poucos os desafios mas, ao mesmo tempo, são muitas as possibilidades.

Em razão do isolamento social, acreditamos que é possível ser Igreja nas casas. Para isso precisamos pensar nas possibilidades que o Espírito nos dá com a utilização das redes sociais, com materiais apropriados, com gestos de solidariedade e compromisso com os mais necessitados. O Santo Espírito nos sugere reinventar a nossa maneira de evangelizar, partindo sempre da casa como eixo referencial para a ação eficaz da Igreja.

Na preparação para a celebração jubilar de nossa Diocese, tendo a “casa” como centro da nossa atenção, lugar privilegiado para o encontro com o Senhor Ressuscitado e de encontro fraterno, precisaremos incrementar nossas ações em torno dos quatro pilares da ação evangelizadora, propostos pelas últimas DGAE: Palavra – Pão (Eucaristia e Espiritualidade) – Caridade e Missão (n. 82-120).

Para isso, a Coordenação Diocesana de Pastoral junto ao Secretariado Diocesano de Pastoral, haverá de propor ações que possam fortalecer aquilo que já existe em nossas paróquias, bem como sugerir outras que venham a despertar novas iniciativas, atentas aos grupos mais afastados, que exijam com maior urgência uma ação mais eficaz.

Como exemplo, cito: formação para ministros da Palavra; formação para catequistas; formação de novas lideranças; implementação do Projeto “Setorizar para Evangelizar”; uso das redes sociais para a transmissão da Palavra de Deus com aprofundamento catequético-teológico; transformação das paróquias em redes de comunidades; e o estado permanente de missão, com novas propostas e alternativas, dentre outros.

2. Sede uma Igreja que caminha unida

Há uma palavra do Papa Francisco que nos ajuda a compreender a importância que ocupa, hoje, na vida da Igreja, o papel da sinodalidade: “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio” (Francisco, 17/10/2015).

Sínodo, no grego, é a junção da preposição ‘syn’, que significa ‘juntos’, e do substantivo ‘odós’, traduzido por ‘caminho’; indica o caminho percorrido pelo povo de Deus sempre unido a Jesus “Caminho, Verdade e Vida” (Jo 14,6). No grego utilizado pela Igreja, a palavra “sínodo” significa a assembleia dos discípulos de Jesus, aqueles que creem em Jesus, vivem unidos com Ele e entre si.

São João Crisóstomo é quem iluminará com sua palavra o significado e a necessidade da sinodalidade para a Igreja. Ele diz que sinodalidade é ‘estar a caminho juntos; assemelhando-se a uma assembleia que se reúne para render graças a Deus, como um

coral, marcada pela harmonia (das vozes / dos corações), pois todos que participam dela se unem em torno do mesmo sentir e agir’.

Podemos, então, afirmar que desde o início a palavra “sínodo” é utilizada na Igreja para falar de assembleias eclesiais convocadas em diversos níveis – diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal – para discernir, ao redor da Palavra de Deus, para a escuta do Espírito e tratar de questões sejam elas doutrinárias, litúrgicas, canônicas ou pastorais.

O Papa Francisco, fiel ao espírito do Concílio Vaticano II e, ao mesmo tempo, sintonizado com os seus antecessores, afirma que a sinodalidade exprime a identidade da Igreja, que nasce do Evangelho de Jesus, e é chamada a encarnar-se hoje na história, na fidelidade criativa à Tradição.

Na comemoração do 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos, ocorrido em Roma, aos 17 de outubro de 2015, o Papa assim se expressou:

“O mundo, em que vivemos e que somos chamados a amar e servir mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”.

Num mundo marcado pelo anonimato e, ao mesmo tempo, pelo individualismo egoísta, onde os laços entre as pessoas parecem desfazer-se facilmente, a sinodalidade exige de nós a conversão pastoral permanente e, concomitantemente, missionária, que, por sua vez, exigirá a renovação de mentalidade, atitudes, práticas e estruturas em vista de uma maior fidelidade à nossa vocação.

Nesta perspectiva, sinodalidade é sinônimo de comunhão e participação; onde todos são chamados ao testemunho evangelizador e ao serviço gratuito e generoso em favor dos irmãos e irmãs, para que se tornem a resposta da Igreja aos muitos desafios que enfrenta.

Quando os Atos dos Apóstolos se referem a importantes acontecimentos da vida da Igreja apostólica, eles destacam a ação do Espírito Santo como Aquele que orienta e guia o caminho da Igreja (At 2,2-3). O acontecimento, onde fica patente a ação viva do

Espírito, ocorre no que se conhece como Concílio Apostólico de Jerusalém (cf. At 15; Gl 2,1-10). Esse fato será sempre considerado como a figura paradigmática dos concílios e sínodos celebrados na Igreja.

Procurando ser fiel ao seu Senhor e responder ao Espírito Santo que age na Igreja e no mundo, a Igreja sempre se reportará à experiência dos apóstolos, quando diante do impasse criado pela adesão dos pagãos à fé cristã, se reúnem numa assembleia para discernir os apelos do Espírito e descobrir os melhores caminhos da missão.

“Uma Igreja sinodal – afirma o Papa Francisco no discurso acima mencionado –, é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender... cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da Verdade” (Jo 14,17), para conhecer aquilo que Ele ‘diz às Igrejas’ (Ap 2,7)”.

Como afirma Francisco: “é fácil de exprimir em palavras, mas não de ser colocado em prática”; por isso é sempre necessário retomar a eclesiologia do Concílio Vaticano II, que nos apresenta a Igreja como “mistério”, sinal e instrumento de comunhão e como “Povo de Deus”. Um povo composto pela diversidade de vocações e ministérios, mas que “reina entre todos verdadeira igualdade quanto à dignidade e ação comum a todos os fiéis na edificação do Corpo de Cristo” (*Lumen Gentium*, 32).

Na prática, a “sinodalidade” exige de todos nós capacidade de caminhar juntos; saber esperar aqueles que talvez não tenham o ritmo de alguns mas, ao mesmo tempo, esforço para dar os passos necessários em sintonia e comunhão, seja na prática pastoral, como também na corresponsabilidade, no cuidado do patrimônio e na gestão financeira de nossas paróquias e comunidades.

Expressão da sinodalidade poderá ser, entre nós, permitir que os Conselhos, nas suas diversas instâncias atuem, não só para executar tarefas, mas para decidir na conveniência ou não delas, na aplicação do Diretório Administrativo Jurídico e Contábil de nossa Diocese, na gestão dos recursos recolhidos em nossas comunidades.

A sinodalidade exige também nossa comunhão em torno das ações pastorais de maior importância para a vida da Igreja e dos instrumentos que favoreçam a comunhão e participação de todos na aplicação dos projetos pastorais, levando em conta a realidade de cada paróquia, mas sem perder a consciência de que a paróquia por si mesma não esgota a realidade da Igreja; ao contrário, ela é parcela daquela porção do Povo de Deus, como nos diz o Concílio, que é a Igreja Particular.

Ao mesmo tempo, a sinodalidade exige de nós a valorização dos diversos ministérios e a preocupação que cada agente pastoral, cada membro de nossas comunidades possa realizar sua vocação e sua missão, construindo assim o grande mosaico onde o que resplandece é a face de Cristo.

Em outubro de 2022 está prevista a 16ª Assembleia Geral dos Bispos, cujo tema será “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. Devido às muitas vezes que o Papa tem se referido à sinodalidade como elemento constitutivo da Igreja, agora um Sínodo dedicado especialmente a este tema, nos permite compreender que, se quisermos responder ao Espírito, devemos estar dispostos a percorrer este caminho juntos.

No anoitecer do dia 27 de março de 2020, na Praça de São Pedro, o Papa Francisco em sua homilia disse algo que nos ajuda não só enfrentar os desafios que a pandemia nos impõe, mas a exigência que os novos tempos nos fazem, se quisermos ser de fato a Igreja querida pelo Espírito Santo:

“À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários, todos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados ‘vamos perecer’ (cf. 4,38), assim também nós nos apercebemos de que não podemos continuar na estrada cada qual por conta própria, mas só o conseguiremos juntos” (Papa Francisco).

3. Sede uma Igreja a serviço

Creio que a categoria mais apropriada para falar da dimensão vocacional na vida da Igreja é o serviço. Somos um povo de servidores, que aprende com Jesus a arte de se colocar a serviço, a fazer-se dom para os outros.

Ninguém é chamado a viver para si mesmo, ou para se promover às custas do trabalho que exerce ou da função que ocupa na Igreja. É justamente o contrário. Quando Deus chama alguém é para um determinado serviço, tendo em vista o bem comum.

Ao escrever aos Romanos, São Paulo, referindo-se à vida cristã e aos serviços na comunidade, diz: “Pela graça que me foi dada, recomendo a cada um de vós: ninguém pense de si mesmo mais do que convém, mas pense de si com sobriedade, conforme a medida da fé que Deus deu a cada um. Como um só corpo, temos muitos membros, cada qual com uma função diferente, assim nós embora muitos, somos em Cristo um só corpo e, cada um de nós, membros uns dos outros. Temos dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada” (Rm 12,3-6a);

No Documento final da 15ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, que ocorreu em Roma em outubro de 2018, os padres sinodais, referindo-se às vocações, dizem que “para cada homem e mulher, a vocação, embora tenha momentos fortes e privilegiados, realiza-se em uma longa viagem. A Palavra do Senhor requer tempo para ser entendida e interpretada; a missão à qual Ele chama se revela progressivamente, começando pela descoberta da vocação, pois nem tudo é imediatamente claro, uma vez que a fé “vê à medida que caminha, que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus” (LF n.9)”, (n. 77).

São Paulo VI, como se afirma neste Documento, diz “que toda vida é uma vocação” (PP, n.15). Esta palavra faz eco na Exortação Apostólica “Alegrai-vos e Exultai” do Papa Francisco, que diz “Tu também precisas conceber a totalidade da tua vida como uma missão. Tenta fazê-lo, escutando a Deus na oração e identificando os sinais que Ele te dá. Pede sempre, ao Espírito Santo, o que espera Jesus de ti em cada momento da tua vida e em cada opção que tenhas de tomar, para discernir o lugar que isso ocupa na tua missão” (n. 23).

Assim, fica claro que vocação e missão se correspondem; ou seja, toda vocação implica numa missão, ou, se quisermos, podemos dizer em um serviço.

Creio que resgatar esta consciência hoje é fundamental para nós, pois, ao contrário, corremos o risco de cair na tentação de criar ou pensar a Igreja como um grupo seletivo de privilegiados, onde alguns estão sobre os outros, quando na verdade estamos todos comprometidos a viver nossa fé e nossa vocação cristã a serviço uns aos outros.

Oposto à sinodalidade é o clericalismo, que “nasce de uma visão elitista e excludente da vocação, que interpreta o ministério recebido mais como um poder a ser exercido do que como um serviço gratuito e generoso a oferecer, e isto leva a julgar que se pertence a um grupo que possui todas as respostas e já não precisa escutar e aprender mais nada” (Francisco, 218a).

Que grande luz Francisco lança não somente para a compreensão da vocação, mas sobre o nosso ser Igreja. Toda Igreja é vocacional, acerca disso está em jogo a eficácia da sua missão.

Ao mesmo tempo em que Francisco nos diz da necessidade de tomarmos consciência de quem somos e para o que existimos, as palavras do Papa nos fazem compreender que a missão da Igreja é fazer desabrochar na vida de cada um dos seus membros a consciência da sua vocação, do fato de ser um povo chamado a servir, a irradiar a luz de Cristo, a testemunhar a alegria do Evangelho.

Hoje tornou-se comum ouvir a necessidade de criar uma cultura vocacional. O que isso significa? Que toda a Igreja-comunidade se conscientize de sua responsabilidade em fazer germinar no campo do Senhor as muitas sementes lançadas por Ele, para que cada um possa atingir a estatura de Cristo (cf. Ef 4,13), possa responder à sua vocação com alegria.

Daí a necessidade de dar à catequese um sentido vocacional; aos jovens a possibilidade de encontrar na Igreja um espaço onde possam despertar-se para a sua vocação; às famílias para que sejam celeiros de vocações maduras para a vida matrimonial, para uma vida de especial consagração ou para o ministério ordenado.

Sem dúvida, nesse compromisso merece um lugar de destaque a oração pelas vocações, a valorização do Dia Mundial de Oração pelas Vocações (4º Domingo da Páscoa), do mês de agosto como mês vocacional, o Dia do Despertar Vocacional, a criação em todas as paróquias das Equipes do Serviço de Animação Vocacional (SAV) e a realização de encontros com jovens para ajudá-los no discernimento do chamado do Senhor em suas vidas.

Apesar de todo esforço já realizado, cumpre a nós levarmos avante e usarmos de criatividade para que em nossas comunidades haja uma verdadeira cultura vocacional, de oração, de compromisso e de ajuda às vocações.

Em algumas paróquias já existe o hábito de em todas celebrações eucarísticas se rezar pedindo a Deus vocações sacerdotais, utilizando-se daquela oração adotada por Dom José de Matos. Seria muito oportuno que todas as paróquias adotassem este costume tão salutar, porque é da oração que dependem as vocações sacerdotais e para a vida consagrada.

4. Sede uma Igreja jovem

“Tempos atrás, um amigo me perguntou o que vejo quando penso em um jovem. Minha resposta foi que “vejo um jovem ou uma jovem que busca o próprio caminho, que quer caminhar com os próprios pés, que aparece para o mundo e olha para o horizonte com os olhos cheios de esperança, cheios de futuro e também de ilusões. O jovem caminha com os dois pés como os adultos mas, ao contrário dos adultos, que os têm paralelos, põe um na frente do outro, pronto para ir, para partir. Sempre olhando para a frente. Falar de jovens significa falar de promessas, e significa falar de alegria. Os jovens têm tanta força que são capazes de olhar com muita esperança. Um jovem é uma promessa de vida que traz incorporado certo grau de tenacidade; tem loucura suficiente para ser capaz de se auto-enganar e capacidade suficiente para se curar da decepção que pode derivar dele” (Francisco, 2018).

Estas palavras do Papa Francisco nos ajudam a ver aquilo que é específico dos jovens: alegria, esperança, promessa.

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Christus Vivit”, Francisco diz que “a juventude é um tempo bendito para o jovem e

abençoado para a Igreja e para o mundo. É uma alegria, uma canção de esperança e uma bem-aventurança” (n. 135).

Por isso é sempre importante que os jovens sejam bem acolhidos e respeitados em sua originalidade, que não deixemos de dar atenção àquilo que hoje caracteriza a cultura juvenil: “a preferência atribuída à imagem, em lugar de outras linguagens de comunicação, a importância dos sentimentos e das emoções como uma forma de abordagem da realidade, a primazia da realidade concreta e da prática sobre a análise teórica. Revestem-se de grande importância as relações de amizade e a pertença a grupos de pessoas com a mesma idade, cultivadas também graças às mídias sociais. Os jovens geralmente são portadores de uma abertura espontânea à diversidade, o que os faz atentos às questões relativas à paz, inclusão e diálogo entre culturas e religiões” (Doc. Final Sínodo Bispos 2018, n 45).

Tornar-se uma Igreja jovem exige de nós sensibilidade para com os jovens, não só os que estão mais próximos, mas também os que estão distantes, aqueles que vivem indiferentes diante da voz de Deus e, também, da pertença e participação na vida eclesial. Esta sensibilidade exige de nós a capacidade de escuta, de compreensão, de ir ao encontro deles, onde eles estão mais presentes e, ao mesmo tempo, a possibilidade de inseri-los gradualmente na vida das nossas comunidades, desempenhando nelas ações que são mais afins à sua índole e às suas capacidades.

Avançaremos em nossa atenção pastoral para com os jovens se compreendermos que “os jovens católicos não são meros receptores da ação pastoral, mas membros vivos do único corpo eclesial, batizados onde o Espírito do Senhor vive e age. Eles contribuem para enriquecer o que a Igreja é e não apenas o que ela faz. Eles são o presente da Igreja e não apenas seu futuro. Os jovens são protagonistas de muitas atividades eclesiais, nas quais eles oferecem generosamente o seu serviço, de modo particular na animação da catequese e da liturgia, no cuidado dos mais jovens e no serviço voluntário aos pobres... Às vezes, a disponibilidade dos jovens encontra certo autoritarismo e desconfiança por parte dos adultos e pastores, que não reconhecem suficientemente sua

criatividade e, assim, têm dificuldade de compartilhar responsabilidades” (Doc. Final Sínodo Bispos 2018, n. 54).

Na Exortação “Christus Vivit”, Francisco dedica um capítulo à Pastoral dos Jovens, chamando nossa atenção para o fato de que “embora nem sempre seja fácil aproximar-se dos jovens, há um crescimento da nossa parte em dois aspectos: a consciência de que toda comunidade é quem os evangeliza e a urgência de que eles tenham um protagonismo maior nas propostas pastorais” (CVn.202).

Ao mesmo tempo, o Papa diz: “Eles nos fazem ver a necessidade de assumir novos estilos e novas estratégias. Por exemplo, enquanto os adultos geralmente se preocupam em ter tudo planejado, com reuniões regulares e horários fixos, hoje a maioria dos jovens dificilmente se sente atraída por esses esquemas pastorais. A Pastoral Juvenil precisa adquirir outra flexibilidade e chamar jovens a eventos que, de vez em quando, lhes ofereça um lugar onde não só recebam formação, mas que lhes permitam compartilhar a vida, celebrar, cantar, ouvir testemunhos reais e experimentar o encontro comunitário com o Deus vivo” (CVn. 204).

Há “duas grandes linhas de ação – na compreensão do Papa: Uma é a *busca*, a convocação, o chamado que atrai novos jovens para a experiência do Senhor. A outra é o *crescimento*, o desenvolvimento de um caminho de amadurecimento dos que já viveram essa experiência (CV n. 209).

“Nessa busca, devemos privilegiar a linguagem da proximidade, – continua o Papa – a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração, a vida, desperta esperança e desejos. É preciso aproximar-se dos jovens com a gramática do amor, não com proselitismo. A linguagem que o jovem entende é a daqueles que dão a vida, de quem está ali por eles e para eles e daqueles que, apesar de suas limitações e fraquezas, tratam de viver sua fé com coerência” (n. 211).

No que se refere ao crescimento, Francisco chama nossa atenção ao fato de que muitos jovens, após uma forte experiência com Deus e depois de um encontro com Jesus que lhes tocou o coração, são convidados a participar de encontros onde a insistência maior está em questões doutrinárias e morais, sobre os

males do mundo, a Doutrina Social, a castidade, o casamento, controle da natalidade e outros temas que acabam por desanimá-los. Diz o Papa: “Acalmemos a obsessão por transmitir um acúmulo de conteúdos doutrinários e, acima de tudo, tratemos de suscitar e enraizar as grandes experiências que sustentam a vida cristã” (n.212).

Para Francisco, a pastoral juvenil – no que diz respeito aos jovens que não cresceram em famílias ou instituições cristãs e estão num processo de amadurecimento lento – precisa levar em conta que “Cristo nos advertiu de que não devemos pretender que tudo seja apenas trigo (Mt 13, 23-40). Às vezes, por pretender uma Pastoral Juvenil asséptica, pura e marcada por ideias abstratas, longe do mundo e preservada de toda mancha, transformamos o Evangelho em uma oferta insípida, incompreensível e distante, separada das culturas juvenis e apta apenas pra uma elite cristã jovem que se sente diferente, mas que na realidade flutua em um isolamento sem vida, nem fecundidade. Assim, com as ervas daninhas que rejeitamos, arrancamos ou sufocamos milhares de brotos que tentam crescer em meio dos limites” (CV 232).

Creio que estas citações são suficientes para nos ajudar a compreender o caminho que devemos percorrer e para dar à nossa Igreja Particular um rosto ainda mais jovem.

Muito tem sido feito nestes últimos anos pelo Setor Juventude em nossa Diocese: desde o esforço de integrar os vários grupos e carismas onde os jovens se engajam, até a realização de eventos que reúnem muitos jovens, proporcionando-lhes oportunidades para se despertarem à beleza e à alegria de viver e testemunhar o Evangelho, como a celebração do Dia Nacional da Juventude (DNJ), a Semana Missionária, a Vigília da Juventude (Encontro dos Jovens próximo à celebração do Domingo de Ramos), o Retiro Diocesano com os Jovens.

Mas sempre me pergunto: E depois? Que lugar os jovens ocupam de fato nas nossas comunidades? Que espaço lhes oferecemos para que eles possam desenvolver suas aptidões e participar efetivamente na missão evangelizadora? O que fazemos para atraí-los em nossas celebrações litúrgicas, no serviço aos mais pobres, no compromisso de sermos uma Igreja em estado permanente de missão?

Já há anos ouço que “jovem evangeliza jovem”. Ninguém melhor do que eles para comunicar a alegria da fé e do compromisso com a comunidade àqueles jovens distantes e afastados da vida da Igreja; muitas vezes feridos e ridicularizados na sua condição juvenil. Isso exige que tenhamos agentes adultos que os acompanhem neste processo; mas exige também que eles possam partilhar suas experiências nas suas comunidades, pois, no seio delas eles esperam encontrar apoio e ajuda.

“Um jovem não pode se sentir desanimado; é próprio dele sonhar coisas grandes, buscar horizontes amplos, ousar mais, querer conquistar o mundo, ser capaz de aceitar propostas desafiadoras e dar o melhor de si para construir algo melhor” (CV 15).

5. Sede uma Igreja eucarística

A Igreja vive da Eucaristia. Não nos é difícil compreender esta afirmação, no nosso tempo, diante do anseio que nossos fiéis têm pelo retorno da participação das celebrações eucarísticas, impedida por causa das medidas das autoridades sanitárias provocadas pela pandemia para evitar o contágio da covid-19.

Para a grande maioria dos fiéis católicos e para nós bispo, padres e diáconos, como aqueles que exercem diversos ministérios em nossas comunidades, uma das realidades mais desafiadoras, neste tempo de pandemia, tem sido o fato de ficarmos privados de receber a Eucaristia e, ao mesmo tempo, de celebrá-la sem a presença do povo reunido, junto dos seus pastores, em torno da mesa do Senhor.

Apesar de todo esforço para transmitir as celebrações eucarísticas pelos meios de comunicação social e pelas mídias sociais, convidando os fiéis a se unirem ao Sacrifício de Cristo pela “comunhão espiritual” – ato legítimo de piedade que permite aos fiéis impedidos de receber sacramentalmente o Corpo do Senhor, recebê-lo pelo desejo de o receber – nada substitui a participação efetiva da celebração da Ceia do Senhor e a comunhão do seu Corpo e do seu Sangue.

Não podemos nos esquecer de que as celebrações eucarísticas são o momento que reunimos o maior número de

pessoas para ouvir a Palavra do Senhor e receber o seu Corpo e seu Sangue. Daí a urgente necessidade de fazermos de cada celebração eucarística um momento privilegiado de encontro com o Senhor; onde a nossa participação seja de fato consciente, ativa e frutuosa, como determinou o Concílio Vaticano II.

Na Eucaristia encontramos as duas mesas com as quais Deus alimenta o seu povo: a mesa da Palavra e a mesa do Corpo e Sangue do Senhor. Elas estão profundamente unidas entre si, pois delas brota a fonte viva que alimenta e sustenta a Igreja no seu caminhar pelo mundo.

Na sua Exortação apostólica “A Alegria do Evangelho” (Evangelii Gaudium) Francisco dedica vários parágrafos para falar da homilia, que “requer uma séria avaliação por parte dos pastores”, pois por meio dela se pode “avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um pastor com o seu povo” (n. 135).

Francisco diz que a homilia não deve se confundir com uma conferência ou uma aula. “O pregador pode até ser capaz de manter vivo o interesse das pessoas por uma hora, mas assim a sua palavra torna-se mais importante que a celebração da fé. Se a homilia se prolonga demasiado, lesa duas características da celebração litúrgica: a harmonia entre suas partes e o seu ritmo” (n. 138).

“A preparação para a pregação – no dizer de Francisco – é uma tarefa tão importante que convém dedicar-lhe um tempo longo de estudo, oração, reflexão e criatividade pastoral... Alguns párocos sustentam frequentemente que isto é impossível por causa de tantas incumbências que devem desempenhar; todavia, atrevo-me a pedir que em todas as semanas se dediquem a essa tarefa um tempo pessoal e comunitário suficientemente longo, mesmo que se tenha de dar menos tempo a outras tarefas também importantes” (EG n. 145).

Para que nossas celebrações eucarísticas sejam fecundas, é necessário compreender “que é Deus que deseja alcançar os outros através do pregador e de que Ele mostra o seu poder através da palavra humana” (EG n.136).

Hoje, mais do que nunca, precisamos compreender que os sacramentos carregam consigo um Mistério! Não se trata de um

segredo, mas de uma Presença que deve ser desvelada através dos diversos ritos. Trata-se da presença de Jesus Cristo, que deve ocupar o centro da atenção, seja da parte dos ministros, como dos fiéis e, assim, deve ser reconhecida, acolhida e amada.

Como podemos comprovar a qualidade de nossas celebrações? À medida que a presença de Cristo se torna palpável, quase que visível pelos gestos, palavras, atitudes carregadas de respeito e de amor para com Ele. Nós nos enganamos, se confundimos as celebrações a um espetáculo, a um show, onde o personagem principal é o ministro que preside ou o ministério de música que a anima. Não! A presença que deve ficar evidente é a do Senhor Ressuscitado que se imolou pela nossa salvação.

Daí a importância de compreender o significado da assembleia reunida em torno da mesa da Palavra e da mesa do Corpo e Sangue do Senhor. Uma assembleia de convocados, atraídos pelo Espírito do Senhor. Da mesma forma, a importância de compreender que aquele que preside a celebração presta um serviço a Deus e, conseqüentemente, ao povo que o Senhor reuniu para se encontrar com Ele.

Por isso, conscientes de que somos ministros de uma ação sagrada, temos que ter consciência de que não podemos modificá-la ao nosso gosto, fazer dela um meio de nos exhibir, como se fosse uma propriedade nossa. Não! Prestamos um serviço quando celebramos; somos servos de Cristo que, através dos ritos, dos gestos e posturas, manifesta ao seu povo a grandeza do seu amor e da sua graça.

A Constituição *Sacrossanctum Concilium* diz que “para assegurar toda esta eficácia é necessário que os fiéis participem da sagrada Liturgia com reta intenção e boa disposição de ânimo, que coloquem sua alma em sintonia com as palavras que pronunciam e colaborem com a graça de Deus a fim de não a receber em vão (2Cor 6,1). Por esta razão, os pastores da Igreja devem vigiar para que, nas ações litúrgicas, não só se observem as leis que lhe assegurem a válida e lícita celebração, mas também que os fiéis possam participar delas de forma consciente, ativa e frutuosa” (SC n.11).

É muito oportuno que nos perguntemos sobre o significado dos termos “consciente, ativa e frutuosa”. O que vem a ser

‘consciente’, senão o cuidado para que catequese e liturgia se entrelacem, levando àqueles que são iniciados na fé a descobrirem o valor e o significado dos ritos e da presença viva de Cristo que os invade e ilumina?

O que vem a ser ‘ativa’, senão que cada um exerça nas ações litúrgicas a função que lhe é própria, consciente de que participa daquela assembleia convocada e reunida pelo Senhor, ao redor da sua mesa, todos como membros do Corpo do Senhor (cf. 1Cor 10,16-18)?

O que vem a ser ‘frutuosa’, senão que as celebrações litúrgicas devam se traduzir em comunhão recíproca, serviço desinteressado, socorro aos mais pobres, defesa dos necessitados, perdão e reconciliação entre os que estão divididos e separados?

Uma celebração litúrgica não nos permite improvisá-la, instrumentalizá-la, ou fazer dela um palco de vaidades, onde prevaleça o exibicionismo e a disputa entre os que exercem algum ministério.

A liturgia é um tesouro que a Igreja nos confia, que exige da nossa parte preparação, respeito, decoro e testemunho, ao contrário, como diz Jesus: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis vossas pérolas diante dos porcos, pois estes, ao pisoteá-las, se voltariam contra vós para vos dilacerar” (Mt 7,6).

6. Sede uma Igreja missionária

Desde o início do seu pontificado, o Papa Francisco tem insistido conosco para abandonarmos a autorreferencialidade e nos tornar uma Igreja em saída, que não se defende, nem acusa, mas irradia a alegria do Evangelho, convence pelo seu testemunho de coerência para com a Palavra de Deus, permite que, através de suas estruturas e recursos, cada pessoa encontre nela um espaço rico em humanidade e fraternidade.

Na sua Exortação “A Alegria do Evangelho”, ele diz: “todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de o anunciar sem excluir ninguém, não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um

horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas ‘por atração’.” (n.14).

E nesta perspectiva, o Papa, citando São João Paulo II, não hesita em afirmar que “a causa missionária deve ser [...] a primeira de todas as causas... a ação missionária é paradigma de toda a obra da Igreja” (n.15).

Há alguns anos ouvi alguém afirmando que não basta conhecer o conteúdo da fé, mas é necessário conhecer quem anuncia e para quem a Palavra de Deus é anunciada. Francisco com sua ação apostólica responde a esta inquietação: ele nos diz que precisamos, antes de tudo, nos convencer que somos portadores de uma Boa Notícia ao mundo; e que este mundo vive, hoje, uma mudança de época que exige de nós repensar nossas estruturas, nossos conceitos, nossas formas de anunciar o Evangelho!

Diz Francisco: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída”, e assim favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (EG n. 27).

As afirmações do Papa são exigentes, pois nos desafiam a abandonar nossas desculpas, como “fez-se sempre assim”; instigam-nos “a sermos ousados e criativos na tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG n.33).

Se fossemos citar todos os parágrafos da “A Alegria do Evangelho”, iríamos nos estender demais; mesmo porque toda a Exortação, considerada “programática” para o pontificado de Francisco, é um forte apelo à renovação, mudança e conversão pastoral tão fortemente insistida pela Conferência de Aparecida, que nos tira da indiferença e nos convida à ousadia, com a *parresía* do Espírito!

A ação missionária é um dos pilares da “casa-Igreja”, como nos propõem as DGAE 2019-2023. Não é possível pensar na Igreja sem este compromisso, sem este esforço de reconhecer que há costumes adotados há dezenas de anos atrás e que hoje são inadequados; há normas e preceitos eclesiais que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas hoje não traduzem mais a mensagem do Evangelho (Cf. EG n.43).

O Projeto “Setorizar para Evangelizar”, que assumimos no ano passado, junto às muitas experiências já realizadas entre nós, como as Missões realizadas no Ano da Misericórdia (2015), atestam o anseio que todos nós levamos conosco, para atender o mandato de Jesus (cf. Mt 28,19) e nos tornarmos cada vez mais uma Igreja “em saída”.

Com a pandemia, não tivemos possibilidade de darmos todos os passos que o Projeto propunha; mas as experiências missionárias realizadas já descortinavam para nós aquilo que Jesus diz aos discípulos, à beira do poço de Sicar: “Levantai os olhos e vede os campos, como estão brancos, prontos para a colheita” (Jo 4,35).

Creio que para sermos uma Igreja missionária, precisamos da ousadia para aperfeiçoar em nossas comunidades o processo de iniciação à vida cristã, sobretudo no que diz respeito à iniciação à fé de adultos. É importante termos em mente que as atitudes tomadas em relação às crianças e adolescentes iniciados na fé e na vida da comunidade, não podem ser as mesmas para jovens e adultos que descobrem a fé e estão abertos a fazer uma experiência de encontro com Jesus Cristo e pertença a uma comunidade.

O Documento de Aparecida nos apresenta o processo de formação dos discípulos missionários (n. 276-278); os critérios devem nortear toda a formação (n. 279-285) para que ela seja integral, querigmática e permanente, que contemple o acompanhamento dos discípulos e a espiritualidade da ação missionária.

Sem um esforço para que em nossas comunidades haja um processo de iniciação à vida cristã, serão sempre vãos nossos esforços missionários. Aqueles que se despertam para a vida cristã necessitam de acompanhamento, de formação básica, de cuidado da nossa parte, para que as sementes que foram lançadas

germinem e tornem-se terreno fértil, que permite a semente divina produzir “cem, sessenta e trinta por um” (cf. Mt 13,8).

Para nos tornarmos uma Igreja missionária, precisamos ter a ousadia de investir, formando e acompanhando novas expressões eclesiais lá aonde os ministros ordenados não têm condições de estarem sempre presentes: nos bairros mais distantes, nos novos bairros, onde habitualmente a Igreja é a última a chegar.

É necessário que voltemos a sonhar com uma Igreja que privilegie a comunhão e a participação, que favoreça o encontro de famílias em torno da Palavra de Deus, onde a fé é celebrada e se transforme em testemunho vivo da graça de Deus!

Não pensemos que os que estão indiferentes, aqueles que não tiveram ainda a graça de conhecer Jesus, especialmente a vida de comunidade, venham por conta própria; ao contrário, somos nós que deveremos ir ao encontro deles, somos nós que deveremos alcançá-los como Jesus nos alcançou! As palavras de São Paulo deveriam nos estimular nesta tarefa: “para o fraco eu me fiz fraco, a fim de ganhar os fracos. Para todos eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns. Por causa do evangelho eu faço tudo, para dele me tornar participante” (1Cor 9,22-23).

O grande apelo que o Senhor nos faz é compreender que os campos estão prontos para a colheita! E para isso será necessário formar ministros leigos e leigas da Palavra de Deus, capazes de no seu próprio ambiente alimentarem os seus irmãos com a Palavra da Vida, mesmo que estes não participem efetivamente da vida de uma comunidade. Por que não celebrar com eles a Palavra de Deus, aos domingos, ou num outro dia da semana, uma vez que muitos ainda não se despertaram para a importância da participação na Eucaristia?

A recente Instrução “A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja”, da Congregação para o Clero de 29 de junho de 2020, explana sobre os desafios e possibilidades que surgem para a ação evangelizadora da Igreja, quando trata da territorialidade da paróquia, da “comunidade de adoção”, da velocidade da comunhão, que transformarão a percepção do espaço e do tempo, do poder da mídia, etc.

A paróquia não se identifica com um edifício ou um conjunto de estruturas, mas sim com uma precisa comunidade de fiéis, na qual se favoreça o estar juntos e o crescimento das relações pessoais duradouras, pela qual cada um percebe o sentido de pertença e seja bem-vindo.

A renovação pastoral da paróquia, hoje, exige a ousadia de permitir que as pessoas, que se encontram na maioria das vezes longe das nossas igrejas e capelas, possam celebrar a sua fé; que, ao mesmo tempo, sintam-se parte viva de um corpo que é a paróquia, onde a presença da cada uma delas é importante e merece a atenção de toda comunidade que compreende a Igreja.

Para nos tornarmos uma Igreja em estado permanente de missão, precisamos ter a audácia de sermos profetas! Convençamo-nos que toda Igreja é chamada à profecia.

Na celebração da solenidade dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, Francisco na sua homilia falou de profecia. Palavras que merecem ser acolhidas:

“Hoje precisamos de profecia, mas de verdadeira profecia: não discursos que prometem o impossível, mas testemunhos de que o Evangelho é possível. Não são necessárias manifestações miraculosas. Dá-me pena ao ouvir proclamar: «Queremos uma Igreja profética». Muito bem! E que fazes para que a Igreja seja profética? Servem vidas que manifestam o milagre do amor de Deus. Não potência, mas coerência; não palavras, mas oração; não proclamações, mas serviço. Queres uma Igreja profética? Começa a servir, e não diz nada. Não teoria, mas testemunho. Precisamos não de ser ricos, mas de amar os pobres; não de ganhar para nós, mas de nos gastarmos pelos outros; não do consenso do mundo, do estar de bem com todos (entre nós usa-se a expressão: «estar de bem com Deus e com o diabo»), estar de bem com todos, não! Isto não é profecia. Mas precisamos da alegria pelo mundo que virá; não daqueles projetos pastorais que parecem conter em si mesmos a própria eficiência, como se fossem Sacramentos! Projetos pastorais eficientes, não; mas precisamos de pastores que ofereçam a vida: de *enamorados de Deus*. Foi assim, como enamorados, que Pedro e Paulo anunciaram Jesus. Pedro, antes de ser colocado na cruz, não pensa em si mesmo, mas no seu Senhor e, considerando-se indigno de morrer como Ele, pede para

ser crucificado de cabeça para baixo. Paulo está para ser decapitado e pensa só em dar a vida, escrevendo que quer ser «oferecido como sacrifício» (2Tim 4,6). Isto é profecia... e não palavras. Isto é profecia, a profecia que muda a história”.

Precisamos ser profetas que não entram na hipocrisia do mundo, mas que se destacam pela coerência da vida e ensinam mais pela vida do que pela palavra, lembrando-nos sempre de que a fraternidade é o melhor antídoto contra a hipocrisia.

Profetas que não colocam em risco o Reino de Deus por apoiar este ou aquele grupo partidário, mas comprometidos com o bem estar da sociedade, regem-se pelo amor à verdade e pelo compromisso com os mais pobres, tornando-se vozes dos que não têm voz.

Neste período quando em nossos municípios se inicia o pleito eleitoral, que deverá concluir-se com a escolha dos que haverão de governar, devemos lembrar que governar é servir, que o que deve estar em causa não são interesses de grupos egoístas, mas o Bem Comum, que os fins não justificam os meios, ou seja, para poder conquistar o poder não podem se sujeitar a todo tipo de compromissos e alianças que depois colocam em risco a transparência e a legitimidade da sua autoridade.

Profetas com “o coração enamorado” como o de Cristo, que não se calou diante de Herodes, que desafiou o poder religioso do seu tempo que sustentava a condição miserável das pessoas, que falava do Reinado de Deus onde todos pudessem viver como irmãos e irmãs, filhos e filhas do mesmo Pai.

7. Sede uma Igreja solidária

Hoje, assistimos com pesar o desmonte de grandes conquistas em nosso país, que foram asseguradas pela Constituição de 1988.

Não pode passar despercebido para nós o aumento do desemprego, acirrado pela pandemia, privando milhares de famílias do necessário para o seu sustento, gerando um número maior de miseráveis, obrigados a viver de “bicos”, ou então entregues à

própria sorte, enquanto instituições financeiras e grupos estrangeiros vêm aumentando consideravelmente o seu lucro.

Todos nós vemos, diariamente, o alto índice de suicídio de jovens, do feminicídio, da violência famigerada que é sustentada pelo consumismo, que se por um lado faz vislumbrar um mundo de bem-estar e segurança, por outro exclui e ignora aqueles que não podem participar deste mundo, porque não têm condições de consumo.

Neste momento de profunda crise da saúde sem precedentes, com um colapso assustador da economia e a tensão que pesa sobre os fundamentos da República Brasileira, temos que estar atentos e nos mantermos solidários com os mais pobres. Os pobres são os privilegiados do Reino.

Os pobres devem sentir-se acolhidos, respeitados, servidos nas nossas igrejas. Evidentemente que tomar esta decisão não significa excluir os ricos. Mas não podemos nos esquecer de que o nosso Mestre, o Senhor Jesus, nasceu como uma criança pobre, viveu sem ter onde reclinar a cabeça e morreu sobre o madeiro da Cruz.

Vem à minha mente o exemplo de São Lourenço, quando interrogado pelo tribuno romano sobre a riqueza da Igreja, não hesitou em reunir os pobres, os doentes, os inválidos, os que viviam pelas ruas para dizer ao tribuno que a verdadeira riqueza da Igreja são eles, pois neles está o Cristo (Cf. Mt 25,31-46).

Por isso, neste momento, quando os direitos dos mais pobres é ameaçado, a Igreja tem que se colocar ao lado deles, assegurando-lhes o seu apoio e a sua presença solidária.

São iluminadoras as palavras do Papa Francisco, na “Alegria do Evangelho”: “O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência; aquilo que o Espírito põe em movimento não é um excesso de ativismo, mas primeiramente uma *atenção* prestada ao outro, considerando-o como um só consigo mesmo. Esta atenção amiga é o início de uma verdadeira preocupação pela sua pessoa e, a partir dela, desejo procurar efetivamente o seu bem. Isto implica apreciar os pobres na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé. O amor

autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência: ‘Do amor, pelo qual uma pessoa é agradável a outra, depende que lhe dê algo de graça’ (S. Tomás de Aquino). Quando amado o pobre passa a ser “estimado como de alto valor”, isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível ‘que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como se estivessem em casa’. Não seria este estilo a maior e mais eficaz apresentação da Boa Nova do Reino? (NMI, 50). Sem a opção preferencial pelos pobres, “o anúncio do Evangelho – e este anúncio é a primeira caridade – corre o risco de não ser compreendido ou de se afogar naquele mar de palavras que a atual sociedade de comunicação diariamente nos apresenta” (*ibid.* 50), (EG 199).

Nossa atitude em relação com os pobres levará grupos polarizados a nos acusar por tomar partido deste ou daquele grupo político, de sermos da “esquerda” ou de outro lado qualquer. É o risco que sofreram em todos os tempos os profetas e os santos que amaram os pobres e dedicaram sua vida para eles. Quantas vezes Santa Dulce dos Pobres não experimentou acusações como esta, por acolher aqueles que ninguém queria acolher, por servir aqueles a quem ninguém queria servir?

O Espírito Santo está a nos impelir a socorrer os pobres e necessitados. Certamente neste tempo que nos preparamos para celebrar os cinquenta anos de nossa Diocese, veremos aumentar, em razão da pandemia e do descaso de muitos governantes do nosso país, o número de pessoas vulneráveis, desprotegidas, no desespero de se verem abandonadas à triste sorte da miséria.

Somos chamados, portanto, à solidariedade, à partilha e à ajuda desinteressada, dentro das possibilidades que possuímos; somos também chamados a nos tornar voz dos que não são ouvidos e respeitados, bem como a agirmos de forma que possamos colaborar na mudança das estruturas de morte que semeiam violência, que ameaçam, que encobrem mentiras e ao

mesmo tempo defendem interesses mesquinhos de grupos e milícias, que não saciam a sua fome e sede de poder, que disputam os recursos destinados ao socorro dos pobres, levando vantagem sobre a morte dos mais pequeninos.

Oxalá a nossa vantagem neste mundo seja a de servir e de amar! Longe de nós, fiéis cristãos, deixar que a ambição domine nossos instintos e a piedade venha justificar nossa indiferença. Se há algo que não podemos renunciar é o de amar os pobres e servi-los, garantindo-lhes condições dignas de vida.

Neste período de pandemia, foram muitas as manifestações de solidariedade em nossas paróquias: distribuição de cestas básicas, agasalhos, remédios; atos demonstrativos de que a solidariedade consegue vencer o sofrimento gerado. Não podemos deixar de ver nestes gestos uma manifestação do Espírito e uma grande graça para a Igreja. Bendigamos a Deus pelo amor que Ele semeou entre nós, tornando-nos solidários uns para com os outros!

Que estes gestos alimentem em nós o compromisso por fazer este mundo, estruturalmente injusto e violento, transformar-se num mundo de solidariedade, justiça e paz!

Conclusão

A missão do Bispo é discernir e procurar compreender os sinais do Espírito Santo, para apontar os caminhos por onde a Igreja deva caminhar, para ser fiel à sua missão de anunciar o Evangelho e se tornar, assim, perita em humanidade.

É com este propósito que nesta Carta Pastoral, a terceira do meu episcopado em Barretos, dirijo-me a todos os fiéis católicos desta Igreja Particular, movido também pelo que o Papa Francisco indica como missão do Bispo:

“O Bispo deve favorecer sempre a comunhão missionária na sua Igreja diocesana, seguindo o ideal das primeiras comunidades cristãs, em que os crentes tinham um só coração e uma só alma” (cf. At 4,32). Para isso, às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás

do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e, sobretudo, porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas” (EG 31).

Assim, com muita simplicidade e reconhecendo que é mais fácil escrever do que praticar, ofereço-lhes estas considerações, esperando fazer com que não percamos “o fio da meada” num tempo tão turbulento em que vivemos, quando corremos o risco de ceder ao desânimo, ou então dar por perdido todo o nosso trabalho.

Mantenhamos viva a nossa esperança, pois a Palavra de Deus nos assegura que “a esperança não decepciona, pois o Espírito Santo foi derramado em nossos corações” (Rm 5,5).

Que o exemplo da Virgem Maria, a quem o Papa Francisco invoca como “Mãe da misericórdia”, “Mãe da esperança” e “Conforto dos migrantes”, nos anime com o seu exemplo e nos sustente com a sua oração. Ela foi feliz porque acreditou, porque o Senhor cumpre o que promete (cf. Lc 1,45).

Que por intercessão da Mãe de Deus e nossa, a Senhora Aparecida e seu esposo São José, Deus abençoe a todos nós.

Dom Milton Kenan Júnior

Bispo de Barretos

Barretos, 16 de agosto de 2020.

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora

